

MANUEL CARLOS CHAPARRO E A BUSCA DE UM JORNALISMO SOCIAL

*Daiane Rufino**

Manuel Carlos Chaparro nasceu em Portugal, em 1934, e vive no Brasil desde 1961. Em 2011 completará, portanto, 50 anos de dedicação ao Brasil. É hoje um cidadão luso-brasileiro, com dupla cidadania. Sua relação natalícia com Portugal corroborou para que este pesquisador realizasse o estudo pioneiro de comparação das imprensas do Brasil e de Portugal, na obra *Sotaques d'aquém e d'além mar*, sobre a qual trataremos com mais detalhes adiante. Manuel Carlos Chaparro é doutor em Ciências da Comunicação e professor (aposentado) de Jornalismo na Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo. É também jornalista, desde 1957, além de membro do Conselho Curador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

Neste breve resumo de sua vida e obra, apresentamos um pouco de sua contribuição para a renovação do pensamento comunicacional brasileiro. Além de *Sotaques d'aquém e d'além mar*, faremos uma reflexão sobre o livro *Pragmática do jornalismo*. As duas publicações têm enfoques teóricos sobre o jornalismo, representando importantes fontes de conhecimento para estudantes e professores da área. Antes de adentrarmos nos pormenores de sua produção acadêmica, vamos conhecer um pouco da trajetória profissional deste pesquisador e jornalista, com o fim de entendermos as fontes de seu pensamento e suas contribuições.

TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL¹

Chaparro, como é chamado no meio acadêmico, viveu as primeiras experiências como jornalista em seu país e consolidou-se como profissional

* Jornalista com especialização em telejornalismo pela UFPI. Atualmente é mestranda em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: daianerufino@yahoo.com.br.

¹ Com informações da sessão “Sotaques do Jornalismo” realizada durante o XXVIII Congresso Intercom, em Porto Alegre, em agosto de 2004, que homenageou os 50 anos de profissão de Manuel Carlos Chaparro.

respeitado no Nordeste brasileiro e depois em São Paulo. Sua formação intelectual é oriunda de muita leitura, das experiências de militância operária na juventude, da entrega às exigências de estudo e conhecimento da profissão de jornalista, da vivência em sala de aula e das pesquisas e reflexões acadêmicas sobre o fazer jornalístico.

Em Portugal, ele foi líder da Juventude Operária Católica (JOC), repórter do jornal desta entidade, o *Juventude Operária*, e também repórter do *Diário Ilustrado*. A militância de Chaparro na JOC e a convivência com representantes da Igreja Católica serviram como incentivo para aflorar uma sensibilidade para o jornalismo social, refletido em sua obra acadêmica e em sua atuação profissional². Os incômodos com a ditadura salazarista, em especial com a censura, fizeram com que Chaparro aceitasse o convite de trabalhar no Brasil, para viver a experiência de fazer jornalismo num regime de liberdade.

No Brasil, desembarcou no Rio Grande do Norte, em 1961, na condição de jornalista, a convite do então bispo de Natal, Dom Eugênio Sales, para editar o jornal da diocese, *A Ordem*. Aqui ele passou a segunda fase de sua atuação profissional, voltada para a militância jornalística.

No Nordeste, Chaparro encontrou uma realidade de dramáticas contradições sociais. Mas também um ambiente de lutas e projetos de desenvolvimento com justiça social. Para enfrentar as dificuldades, o Nordeste tornou-se um laboratório social de arrojadas experiências de mudanças e de mobilização social, como a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste e das Ligas Camponesas (Sudene), um dos primeiros movimentos sociais do campo. Uma das experiências mais arrojadas e transformadoras acontecia na diocese de Natal, com programas bem-sucedidos de alfabetização pelo rádio, cooperativismo, sindicalismo rural, treinamento de lideranças populares e outros projetos sociais de educação de base e promoção humana. Chaparro contribuiu diretamente com as iniciativas da Igreja. Ao promover as reformas no jornal diocesano *A Ordem*, transformou-o em um jornal dinâmico, que desvendava e debatia a realidade injusta contra a qual se lutava. “Vim para ajudar a fazer do *A Ordem* um jornal vinculado às lutas sociais que a Igreja liderava em Natal e no Rio Grande do Norte”, lembra Chaparro.

Seu jornalismo de investigação e debate foi reconhecido em premiações. Chaparro foi quatro vezes distinguido com o Prêmio Esso: uma menção honrosa (1962); dois Prêmios Esso de reportagem na região Norte e Nordeste (1963/64); e um prêmio Esso de jornalismo e de informação econômica (1966), escrevendo sobre questões do Nordeste.

² A JOC representava, na década de 1950, em Portugal, uma vanguarda do catolicismo de esquerda e o jornal *Juventude Operária* incomodava muito a censura de quase quarenta anos de Oliveira Salazar naquele país.

Uma das mais importantes contribuições de Manuel Carlos Chaparro para a estruturação de uma comunicação voltada para a assessoria de imprensa se deu em sua atuação na Sudene, em Recife, para onde foi em outubro de 1964, quando, por pressões organizadas por Dom Helder Câmara, então arcebispo de Olinda e Recife, o comando da Sudene foi devolvido aos civis. Saiu o general que o golpe de 1964 colocara no lugar do deposto Celso Furtado e entrou o engenheiro agrônomo João Gonçalves de Souza, um humanista especializado em desenvolvimento integrado. Chaparro foi para a Sudene como integrante desse movimento civil, com a missão de implantar o setor de comunicação na instituição.

Chaparro levou para a Sudene, onde ficou por dois anos, as vivências e o saber que lhe permitiram desenvolver o que pode ser considerado a primeira grande experiência de assessoria de imprensa de natureza jornalística. Na Sudene, ele fez uma verdadeira revolução nos conceitos e nas práticas de relações com a sociedade pela via jornalística, rompendo, assim, com os padrões de assessoria de imprensa praticados até então.

Em 1967, Chaparro volta ao jornalismo e ao “militantismo possível”. Vai coordenar a reforma editorial do *Jornal do Comércio*. Depois vai para o *Diário de Pernambuco*, o grande jornal “associado” no Nordeste, para desenvolver, ao lado de Calazans Fernandes, o que seria a mais importante experiência de jornalismo de análise sobre a região, por meio de textos sobre o Nordeste na coluna “Alta Prioridade”. Fazendo do jornalismo sua nau de civismo e de postura analítica sobre as questões regionais, desenvolve na sucursal nordeste da *Folha de S. Paulo*, dirigida à época por Calazans Fernandes, uma inovadora experiência de projetos editoriais, em forma de suplementos temáticos, dos quais também participou o então repórter Gaudêncio Torquato, que também se tornaria nome de referência no pensamento comunicacional brasileiro. O sucesso do trabalho desenvolvido na sucursal da *Folha* em Recife levou a direção do jornal a expandir o projeto dos suplementos especiais, trazendo para São Paulo a equipe comandada por Calazans Fernandes.

Entre 1969 e 1989, em São Paulo, Chaparro dedicou-se à comunicação empresarial e institucional, que ajudou a desenvolver no Brasil, como mercado de trabalho e especialização jornalística.

Em 1979, aos 45 anos, resolveu colocar a universidade no seu caminho, para estudar e compreender as contradições do jornalismo. Fez vestibular e ingressou no curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo, formando-se em 1982. Optou, então, pela carreira acadêmica. Na mesma escola, como auxiliar de ensino, tornou-se professor do curso de Jornalismo em 1984. E seguiu em frente, concluindo o mestrado em 1987 e o doutorado em 1993. Depois, fez pós-doutorado (em

1996) na Universidade Nova de Lisboa. No retorno à ECA, submeteu-se com sucesso ao concurso de livre-docência, em 1997. E aposentou-se, em 2001, como professor associado da Universidade de São Paulo.

Entre 1989 e 1991, foi presidente da Intercom, principal sociedade científica brasileira na área da Comunicação Social. À frente da Intercom implementou mudanças importantes para o crescimento da instituição: a primeira reforma gráfica e editorial da *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, dando-lhe identidade de publicação científica; a reestruturação dos congressos anuais, com a definição de um perfil científico; criação dos grupos de trabalhos, os GTs, que tiveram seu início de funcionamento no Congresso de 1990 (Rio de Janeiro/UERJ) e sua consolidação no Congresso de Porto Alegre, em 1991, dentre outras. Chaparro ainda trabalhou para que a Compós tivesse seu primeiro grande evento temático durante o Congresso da Intercom em Porto Alegre.

A OBRA

O livro *Pragmática do jornalismo*, publicado pela editora Summus, em 1994, é resultado de sua tese de doutorado. Nele, o autor propõe uma teoria da ação jornalística baseada nas ciências da linguagem, pela vertente da pragmática. Por meio do debate sobre as funções sociais do jornalismo, o autor levanta questões como o jogo de intenções que motiva a produção dos textos, a ética e as relações de poder que permeiam a construção de notícias.

Sotaques d'aquém e d'além-mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro, publicado em Portugal pela editora Jortejo em 1998, foi publicado no Brasil em 2008, pela Summus, em edição atualizada que recebeu o título de *Sotaques d'aquém e d'além-mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. Por meio de uma análise comparativa de jornais impressos do Brasil e de Portugal, o autor apresenta as semelhanças e diferenças na produção jornalística dos dois países e propõe uma nova teoria para a conceituação e a classificação dos gêneros jornalísticos.

Linguagem dos conflitos. Publicado em Portugal e no Brasil, o livro tem como ideia central a de que a linguagem jornalística é a linguagem dos conflitos. Nele, Chaparro diz que “o jornalismo tornou-se o espaço público dos confrontos discursivos” e que tudo “o que o jornalismo relata são conflitos” (p. 38).

Imprensa na berlinda: a fonte pergunta. Neste livro, editado pela Celebris, São Paulo, em 2006, Chaparro é coautor, juntamente com Norma S. Alcântara e Wilson Garcia (também jornalistas). A publicação reúne 493 perguntas respondidas por renomados jornalistas sobre os bastidores da imprensa. No total, participaram 190 fontes no papel de entrevistadores e 173 jornalistas

na condição de entrevistados. A intenção do trabalho foi inverter os pólos em que se dá a produção noticiosa, isto é, colocar no lugar das fontes os jornalistas e no lugar destes, como entrevistadores, aquelas personalidades que, pela tipologia de sua representação social, são costumeiramente as fontes da imprensa.

Padre Romano: profeta da libertação operária. Trata-se de um livro-reportagem com a biografia do padre Romano Zufferrey, religioso que se dedicou integralmente, no mundo operário, às lutas e artes do amor aos irmãos. Nascido na Suíça, desenvolveu no Recife intensa luta em prol dos trabalhadores na época do regime autoritário. Faleceu em 1985.

A notícia (bem) tratada na fonte: novo conceito para uma nova prática de assessoria de imprensa. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, defendida no ano de 1987, na Universidade de São Paulo, sob a orientação de Francisco Gaudêncio Torquato do Rego. O texto ainda não foi publicado, mas encontra-se disponível na biblioteca na Universidade Metodista de São Paulo e na USP.

O XIS DA QUESTÃO

Este é o nome do blog (www.oxisdaquestao.com.br) onde Chaparro trata de assuntos relacionados à mídia, jornalismo e atualidades. Disponibiliza textos e vídeos referentes às suas aulas. Ele mesmo descreve no blog que o projeto busca desenvolver linguagens e formas de socialização do conhecimento, para que, pelo saber, se desenvolva a capacidade cidadã de olhar criticamente a atualidade e seu noticiário.

Chaparro foi um dos primeiros docentes no Brasil a se apropriarem da internet, criando a *Reescrita*, revista eletrônica na época hospedada no *site* da Universidade de São Paulo. A obra de Manuel Carlos Chaparro compreende ainda dezenas de artigos publicados em jornais e periódicos científicos.

CERNE DO PENSAMENTO: CONCEITOS E INFLUÊNCIAS INTELECTUAIS

Uma teoria para o jornalismo

A teoria da ação jornalística, apresentada por Chaparro no livro *Pragmática do jornalismo*, fundamenta-se na reunião da ética, técnica e estética como componentes da ação jornalística. O autor baseia-se na pragmática, segundo o conceito de Teun A. van Dijk, como sendo o ramo da ciência que se dedica à “análise das funções dos enunciados linguísticos e de suas características nos processos sociais” e de Lamiquiz: “o fenômeno das relações dos elementos discursivos com os usuários, produtor e interpretador do enunciado”.

Para elaborar uma teoria da ação jornalística, Chaparro partiu das seguintes questões: (1) Como se manifestam os propósitos que motivam e as intenções que controlam as mensagens jornalísticas? (2) Que interesses estão conectados a tais propósitos e que princípios éticos inspiram? (3) Que influência a explicitação das intenções exerce no leitor?

As respostas foram buscadas em uma análise dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de S. Paulo* nos anos de 1991 e 1992. Trabalhando com a linha teórica de Teun A. van Dijk, que desenvolve uma visão macropragmática dos atos de linguagem, Chaparro estabeleceu a conexão entre jornalismo e pragmática.

Segundo pressupostos de Teun A. van Dijk, a pragmática se ocupa da formulação de condições para o êxito dos atos de fala. “[...] o acontecimento (do qual o relato informativo faz parte) é uma forma de processo, com capacidade maior ou menor de desorganização e reorganização social”. (p. 19). Para Manuel Chaparro, a pragmática, juntamente com a sociologia, pode ser considerada a ciência-mãe da comunicação. “[...] enquanto processo social de comunicação, o jornalismo situa-se no campo da pragmática” (p. 15).

Além de Teun A. van Dijk, Chaparro recorre às origens da pragmática, no pragmatismo do filósofo Charles Sanders Peirce, considerado também o pai da semiologia ou semiótica. Peirce trouxe o pragmatismo do campo geral dos conceitos para a categoria dos símbolos. O filósofo explica a pragmática sob a ótica de três concepções: relações entre signos e seus usuários; o efeito dos sinais sobre o comportamento do receptor (lógica funcionalista); os efeitos comportamentais da comunicação (psicologia).

Reunindo outros autores que tratam do jornalismo como elo nos processos sociais, Chaparro construiu conceitos de entendimento deste campo de atuação. Ele parte da ideia central de que o jornalismo cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação. Da análise marxista de Marc Paillet ele tirou a concepção de que o jornalismo deve refletir as estruturas vigentes com análise voltada para as contradições desta ação social no campo da linguagem.

Os pensadores europeus são referências constantes na obra de Chaparro. De Michel Foucault usa a concepção militante de que o papel dos intelectuais não é mais o de dizer a “verdade” para as massas, mas lutar contra as formas de poder. E do espanhol Martínez Albertos usa o conceito de que o fato só se transforma em notícia quando recolhido, interpretado e valorado pelos sujeitos que controlam os meios de difusão – definição da qual hoje discorda, nos estudos a que atualmente se dedica, em torno da ideia de que o jornalismo vive tempos marcados pela “Revolução das Fontes” – tema sobre o qual prepara seu próximo livro.

Outro eixo importante do pensamento de Chaparro para a formulação de sua teoria da ação jornalística é o entendimento do jornalismo como atividade inserida em um sistema de organizações. Para explicar o funcionamento da sociedade baseada em organizações, ele recorre a Amitai Etzioni e Max Weber. O primeiro autor entende que o fato de a sociedade ser formada por organizações resulta na valorização do racionalismo, eficiência e competência. As empresas que produzem e imprimem os jornais fazem parte desta lógica e devem atender aos objetivos das organizações. Na concepção de Weber, para que uma organização seja eficiente e competente, ela precisa ter um sistema de autoridade burocrática como instrumento de organização. Chaparro transfere estes conceitos para o mundo das empresas jornalísticas e afirma que o Manual de Redação é um instrumento para a construção desta “competência organizacional”.

Para descrição do que é notícia, entendida como o acontecimento que projeta interesses, desperta interesses ou responde a interesses, conforme circunstâncias temporais, culturais e geográficas, Chaparro recorreu a Kant e Habermas. Kant diz que o interesse é a causa determinante da vontade e que a razão persegue interesses, não puramente teóricos, mas práticos. Habermas faz a relação entre *interesse* e *conhecimento*. Para o autor, todo conhecimento é posto em movimento por interesses que o orientam. Interesses esses que têm um viés cultural.

Para formular seu conceito sobre o jornalismo, Chaparro usa, além dos autores europeus, um número considerável de autores brasileiros. Do seu mestre e orientador, Gaudêncio Torquato, Chaparro usa os conceitos do poder da comunicação. O “poder expressivo” como capacidade de gerar influência sobre outrem. Da professora Cremilda Medina usa a ideia da ação de forças autoritárias sobre o trabalho do jornalista, nos diferentes graus de censura. De Carlos Eduardo Lins da Silva ele incorpora as críticas com relação ao descaso com que a imprensa brasileira trata a ética e com relação à qualidade do texto jornalístico. De José Marques de Melo, a definição de jornalismo como “um processo social” que se desenvolve entre organizações formais e coletividades, via meios de comunicação, acrescentando ainda a variável qualitativa descrita por Roger Clause: “o jornalismo destina-se ao relato verdadeiro e à explicação dos fatos de relevância social”.

No entanto, Chaparro considera as definições expostas acima insuficientes para descrever a ação jornalística e sugere uma nova base teórica para descrevê-la na complexidade da mediação social. O autor recorre à pragmática por entender que, assim como disse Teun A. van Dijk, “só a descrição pragmática pode especificar que tipos de atos de fala ocorrem em uma dada cultura”.

Chaparro afirma que o ato de fala próprio do jornalismo é o de asseverar (afirmar com certeza, segurança). O acontecimento, do qual o relato faz parte, é uma forma complexa de processo. A intervenção do relato jornalístico em acontecimentos pode ampliar a rota do processo e até desencadear processos derivados nas tramas sociais. Em sua teoria ele aconselha que, para cumprir a função social, o jornalismo agregue ao *fazer* criativo, a ética, a técnica e a estética, num processo de controle consciente sobre o fazer.

Com base nesses conceitos, Chaparro propõe um modelo para interação no jornalismo com base em três pólos: (1) sociedade (estabelece princípios e costumes, razões éticas e morais); (2) atualidade (representada pelo que acontece e por aquilo que as pessoas querem dizer e saber sobre o que acontece); (3) recepção ativa (onde se dá o encontro de expectativas e perspectivas).

Pragmática do jornalismo é, portanto, uma obra que apresenta uma variedade de reflexões apreciáveis sobre este campo, além de fazer críticas contundentes aos conceitos já firmados, o que leva o leitor a pensar criticamente, a fazer comparações e, conseqüentemente, a produzir novas ideias.

GÊNEROS JORNALÍSTICOS COMO FORMA DE DISCURSOS

Instigado por questões levantadas por Marques de Melo acerca da imprensa brasileira e portuguesa, Chaparro analisou a produção jornalística nos dois países. O trabalho resultou na elaboração de uma nova classificação para os gêneros jornalísticos, publicada no livro *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*.

As perguntas elaboradas por Marques de Melo foram o ponto de partida para a pesquisa de Chaparro: “Por que, apesar da fraternidade linguística, o jornalismo brasileiro jamais buscou na referência portuguesa marcas de estilo ou influências de comportamento? Por que o jornalismo português canta loas à lusofonia e, ao contrário da literatura, não consegue alcançar a universalidade da língua?” Manuel Chaparro foi em busca das respostas no percurso histórico do jornalismo no Brasil e em Portugal.

Nesse projeto, Chaparro procurou, inicialmente, tipificar e identificar a evolução dos gêneros jornalísticos na imprensa brasileira, ao longo de cinco décadas (1945-1995). Isso lhe permitiu delinear uma nova proposta conceitual e classificatória dos gêneros jornalísticos. E testou a validade dessa proposta no estudo comparativo das formas de escritura no jornalismo de Portugal e do Brasil, entre 1995 e 1996. E, assim, consolidou sua proposta teórica de gêneros jornalísticos, entendidos como “formas discursivas pragmáticas”.

O resgate histórico feito pelo autor mostra que no começo do século XX configurou-se um novo jornalismo no Brasil, sob a influência norte-americana, enquanto que os jornais de Portugal tinham influência preponderante da

França. Dos EUA, o Brasil herdou o jeito de fazer jornalismo e os modelos de gestão das empresas e do ensino. Em descrição no livro, Chaparro conta que a discussão partidária em Portugal e a influência estilística do jornalismo francês acentuaram a força do articulismo e a predominância do tom argumentativo na reportagem.

A principal contribuição na classificação dos gêneros jornalísticos na obra de Chaparro é o fim da separação entre jornalismo opinativo e informativo nos formatos de texto, com a apresentação de formatos jornalísticos híbridos. “O relato jornalístico acolhe cada vez mais a elucidação opinativa e o comentário da atualidade exige cada vez mais a sustentação em informações qualificadas. Opinião e informação perderam, portanto, eficácia enquanto critérios de categorização de gêneros jornalísticos.”

O paradigma que divide o jornalismo em *opinião* e *informação* teria sido fruto da cultura jornalística iniciada por Samuel Buckley, diretor do jornal inglês *The Daily Courant*, criado em 11 de maio de 1702, como o primeiro diário de natureza política. Ele introduziu o conceito da objetividade, preocupando-se com o relato, sem usar comentários. Separou, na estrutura do jornal, as notícias e os comentários. O jornal desapareceu em 1735.

Para Chaparro, “a conservação desta matriz reguladora esparrama efeitos que superficializam o ensino e a discussão do jornalismo e tornam cínica sua prática profissional” (CHAPARRO, 2000, p. 100). Para ele, não existem espaços exclusivos ou excludentes para a opinião e a informação.

Na classificação brasileira de Marques de Melo, o gênero jornalístico se caracteriza “pelo conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde”. Diferentemente de Luiz Beltrão, que identifica os gêneros com base nos códigos em que a mensagem se expressa, Marques de Melo agrupa os gêneros conforme a intencionalidade determinante dos relatos. Informação: reprodução do real, descrever o real jornalisticamente a partir do atual e do novo. Opinião: leitura do real, identificar o valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos.

Além da classificação de Marques de Melo, Chaparro refere-se à classificação feita por Martínez Albertos, da Escola Espanhola, na qual o autor estabelece um nível interpretativo para o relato jornalístico. Apesar de elogiar a complexidade da categorização feita por Albertos, Chaparro critica o que chamou de “radicalidade” em relação à opinião, todo reunido na seção *editorial*. Chaparro considera que a interpretação não pode ser entendida como categoria independente, mas como um processo bem mais complexo. Outros autores espanhóis são citados por Chaparro na análise das classificações de gêneros, como Gomis e Gutierrez Palácio, de quem absorve o conceito de jornalismo como “um método de interpretação sucessiva da realidade social”.

Chaparro defende uma nova discussão sobre a teoria dos gêneros jornalísticos, ancorando-a nas ciências da linguagem, “porque gêneros são formas de discurso” (CHAPARRO, 2000, p. 114) Para elaboração de sua classificação, ele recorre a Todorov para explicar os gêneros como classes de textos com propriedades comuns e a Teun A. van Dijk e sua concepção de análise pragmática. Opta pela pragmática “por se considerar que aí se situa o entendimento preferencial que temos de jornalismo – linguagem macrointerlocutória que, tendo em vista a preservação e o aperfeiçoamento da vida humana, realiza e viabiliza intervenções interessadas na atualidade, com efeitos desorganizativos, reorganizativos e/ou explicativos, que alteram o mundo real e presente das pessoas” (CHAPARRO, 2000, p.118). Para explicar o discurso jornalístico sob a ótica da pragmática e da linguagem como modo de interação social, Chaparro recorre a Lamiquiz, Stubbs, Helena Brandão e Ricoeur.

A fundamentação teórica usada para a classificação de gêneros por Chaparro compreende: teoria literária (noção de semelhanças entre as espécies, oposição entre os gêneros); Todorov e Teun A. van Dijk (noção de gênero enquanto tipologia estrutural dos discursos) e conceito de duas formas de ações jornalísticas: relatar a atualidade e comentar a atualidade, ambas com opinião e informação.

Para finalizar a discussão sobre esta obra, segue abaixo a classificação de gêneros jornalísticos de Manuel Carlos Chaparro:

Gênero Comentário		Gênero Relato	
Espécies argumentativas	Espécies gráfico-artísticas	Espécies narrativas	Espécies práticas
Artigo	Caricatura	Reportagem	Roteiros
Crônica	Charge	Notícia	Indicadores
Cartas		Entrevista	Agendamentos
Coluna		Coluna	Previsão do tempo
			Cartas-consulta
			Orientações úteis

CONCLUSÃO

Manuel Carlos Chaparro é um importante pesquisador da área da comunicação. A experiência profissional que adquiriu ao longo de sua carreira jornalística lhe possibilitou um conhecimento especial sobre a prática do jornalismo. Conhecedor do mercado brasileiro de jornais e de assessoria de imprensa, Chaparro costuma levar para suas pesquisas acadêmicas o olhar apurado de um jornalista investigador.

É nítida a influência de pensadores europeus em sua produção científica, especialmente autores espanhóis e alemães. Da Escola Latino-Americana de Comunicação, somente os pesquisadores brasileiros têm influência no pensamento de Chaparro.

Permeia toda a sua obra, assim como nas grandes reportagens produzidas por ele, enquanto repórter, a sensibilidade de um homem preocupado com a sociedade e, principalmente, com a função do jornalismo dentro deste sistema. Seus textos são uma busca de conscientização dos profissionais e teóricos para a responsabilidade do fazer jornalístico e um alerta para que esta atividade possa, de fato, cumprir sua missão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAPARRO, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 2000.

_____. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Padre Romano**: profeta da libertação operária. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **A notícia (bem) tratada na fonte**. 1987. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo.

_____.; ALCÂNTARA, N; GARCIA, W. **Imprensa na berlinda**: a fonte pergunta. São Paulo: Clebris, 2005.

REVISTA PJ:BR Jornalismo Brasileiro. Disponível em:

<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dossie4_f.htm> Acesso em: 26 de novembro de 2009.